

A arte de contar histórias como prática pedagógica: experiência de pesquisa

The art of storytelling as a pedagogical practice: research experience

Rebeca Baia Sindeaux¹, Maria Dulcinea da Silva Loureiro²

1. Mestra em Educação (URCA)
Secretaria Municipal de Educação – SME/Crato
E-mail: rebeca.baia.sindeaux@gmail.com

2. Doutora em Educação (USP)
Universidade Regional do Cariri (URCA)
E-mail: mdslou@uol.com.br

Dossiê - II Encontro de Egressos do Mestrado Profissional em Educação (URCA)

Resumo: A presente pesquisa teve por objetivo elaborar proposta de intervenção junto a educadores, com a intenção de valorizar a arte de contar histórias como ferramenta pedagógica para o trabalho com a literatura infantil. Como metodologia, consolidou-se como uma pesquisa participante, visando intervir na formação de educadores, ao se ministrarem oficinas teórico-práticas com ditados populares, quadrinhas, trava-línguas e histórias populares e como elas contribuem ao educador-narrador. Como resultados, vimos que contar histórias possibilitam o aumento do vínculo das crianças com o mundo, dado seu viés histórico-cultural e sua contribuição com o desenvolvimento através da aquisição de linguagem mais rica e variada.

Palavras-chave: Literatura infantil; Formação de professores; Educador-narrador.

Abstract: The present research aimed to develop an intervention proposal for educators, with the intention of valuing the art of storytelling as a pedagogical tool for working with children's literature. The methodology evolved into participative research, seeking to intervene in the training of educators by conducting theoretical and practical workshops with popular sayings, nursery rhymes, tongue twisters, and folktales, highlighting their contribution to the educator-narrator. As a result, we observed that storytelling enables children to strengthen their connection with the world, given its historical and cultural aspects, and contributes to their development through the acquisition of richer and more varied language.

Keywords: Children's literature; Teacher education; Educator-narrator.

Introdução

O presente artigo é fruto da pesquisa de mestrado intitulada “A importância da literatura na escola: reflexões sobre a arte de narrar e o olhar pela ‘janela’ de quem educa” apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em

Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. A referida pesquisa se propôs a elaborar uma proposta de intervenção junto aos (as) educadores (as), visando valorizar a arte de contar história como ferramenta pedagógica para o trabalho com a literatura infantil. Através do desenvolvimento de uma metodologia teórico-prática, a qual foi estruturada/organizada por meio de oficinas para os (as) professores (as).

O interesse em desenvolver uma pesquisa sobre a arte de contar história como estratégia pedagógica para o trabalho com a literatura infantil vem das vivências no período que atuei na Educação Infantil, ocasião em que desenvolvemos diversos projetos ligados à literatura e ao prazer pela leitura. Nesse período, percebemos que, muitas vezes, a atividade de contar histórias é relegada a segundo plano ou até mesmo desconsiderada em toda a sua potencialidade por parte dos(as) educadores(as).

Partimos do pressuposto de que o contato com boas histórias proporciona encantamento, despertam a fantasia e a imaginação criadora, além de enriquecer a criatividade mediante o contato com elementos novos que podem vir a compor seu entendimento sobre o mundo. Assim, entendemos ser relevante repensar práticas e construir junto aos(as) educadores(as) novas e diferentes perspectivas sobre o trabalho com a literatura infantil, por isso destacamos a necessidade de uma formação que contemple a compreensão sobre o processo de desenvolvimento infantil, bem como a formação da linguagem, além da especificidade de trabalhar com a arte de narrar para a formação não só de leitores e produtores de texto, mas de indivíduos capazes de intervir nas relações sociais e produzir novos conhecimentos.

No âmbito da escola, do ponto de vista pedagógico, é importante destacar que se faz necessário superar a forma tradicionalmente trabalhada com a literatura em sala de aula, em que a mesma não passa de “pretexto” pra o estudo da língua portuguesa e/ou “interpretação” textual, em que se criam apenas

condições para que o texto literário seja aporte à alfabetização. Tais práticas acabam por deixar de lado as possibilidades estéticas, culturais e emancipatórias com as quais a literatura se apresenta ao conjunto da humanidade.

Nesse sentido, as narrativas apresentam uma função superior, as quais proporcionam fruição e experiências que alargam as vivências das crianças. Assim, o contato com as narrativas possibilita o encantamento, desperta a fantasia e a imaginação criadora, além de enriquecer a criatividade mediante o contato com elementos novos que podem contribuir com seu entendimento sobre o mundo.

Contar histórias é uma arte milenar, que representa uma necessidade humana. Assim, a humanidade esteve sempre ao redor de suas narrativas, e neste sentido não há no mundo alguém que possa viver sem fazer algum relato do que tenha acontecido, seja consigo ou com outro, ou até mesmo do que ouvira falar. Por isso, as narrativas se apresentam como uma demanda do ser humano de entender a realidade, a vida e a si mesmo, dando significado e ressignificado ao mundo – nos contextualizam.

Através da literatura a criança tem acesso ao mundo, por meio das possibilidades de se apropriar dos objetos da cultura e da história humana, bem como de recriar a realidade. Entende-se, portanto que o uso das histórias enriquece e garante às meninas e aos meninos a possibilidade de adquirir uma forma de se expressar, de reelaborar seus conflitos, de se reconhecer e de se colocar no mundo de forma social, histórica e cultural. Acaba por permitir tanto o desenvolvimento da imaginação e criatividade, quanto a sua expressão, que potencializa seu desenvolvimento, e sua inserção na sociedade.

Método

A pesquisa se dividiu em cinco momentos:

a) O primeiro momento foi destinado ao estudo das obras referentes à fundamentação teórica necessária à abordagem do tema. Esse momento contempla tanto a fundamentação epistemológica do tema, com o estudo dos processos de desenvolvimento infantil, bem como os trabalhos ligados diretamente à literatura Infantil e a arte de contar histórias;

b) o segundo momento consistiu em conhecer os sujeitos e se apropriar do campo, no caso uma Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental (E.E.I.E.F.) – Instituição Educacional na cidade do Crato - CE, que visou, dentre outras coisas, coletar os dados necessários à posterior proposta de intervenção. O momento da coleta de dados intencionou: (i) observar e analisar o cotidiano das educadoras objetivando conhecer as reais condições do trabalho com a literatura infantil; (ii) interagir com os sujeitos e participar do cotidiano da escola; (iii) conviver com as educadoras e com as crianças e relembrar/reviver minha experiência como professora da educação infantil.

c) O terceiro momento foi o de, a partir dos dados coletados, realizar a formação com as educadoras. As oficinas aconteceram durante três sábados letivos, dois dias no prédio da escola e o último no anexo. A formação foi de caráter teórico-prático em que se intercalavam narrativas, discussões sobre a temática, vivências e construção do imaginário. Entendemos que a intenção realizada durante a pesquisa se estabeleceu como nossa contribuição social a respeito da temática, e para fins de divulgação/ampliação e abrangência da ação, construímos um material didático contendo a metodologia proposta, explorada e desenvolvida com as professoras. Vale destacar que os instrumentos de coletas de dados da pesquisa foram: entrevista, observação participante, diário campo, filmagem.

d) O quarto momento da pesquisa foi a aplicação de entrevista após a formação, que intencionou perceber quais práticas foram assimiladas ou transformadas, e qual a presença que a arte de contar histórias e literatura infantil

ocupa depois das discussões oportunizadas, bem como sobre as percepções próprias das professoras acerca de sua prática.

e) O quinto momento consistiu em analisar a coleta de dados, com as educadoras participantes da formação; construção/elaboração do produto educacional no qual estruturamos um instrumental didático pedagógico, que consistiu na sistematização da proposta de formação destinada a professoras e professores, bem como para aqueles que têm interesse na arte da contar.

Resultados e discussões

Entendemos que toda ação/atividade humana é uma construção histórica, cultural e social, em vista disso não se nasce “homem”, torna-se, e este tornar-se homem – a humanização – dá-se por meio de processos de aprendizagem e desenvolvimento. “Essa premissa aponta o reconhecimento de que os homens não nascem ‘humanos’ e, ao mesmo tempo, postula a humanização como produto histórico-social, quer do ponto de vista filogenético ou ontogenético” (Martins, 2014, p.131). Aprende-se a linguagem, a falar, a pensar melhor, os comportamentos socioculturais e tais aprendizagens nos levam a níveis cada vez mais elaborados de desenvolvimento (formação social da mente), em uma perspectiva vigotskiana de que a aprendizagem precede o desenvolvimento.

Assim, “[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem” (Vigotski, 2001, p. 115). Logo, “[...] a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente” (Idem, ibidem).

A aprendizagem e o desenvolvimento da criança estão associados à aquisição de artefatos culturais e científicos construídos e acumulados

historicamente, através da mediação realizada por indivíduos e processos sociais. Desta feita, a internalização da linguagem participa ativamente do processo de socialização do ser humano, da mesma maneira, dialeticamente, a socialização contribui igualmente para o desenvolvimento da linguagem, no movimento da complexificação dos pensamentos, desenvolvimento da memória, da abstração e da criatividade. “Dominar a língua materna é pré-requisito para o uso da fala em níveis cada vez mais desenvolvidos que permitam a criança expressar com maior clareza seus pensamentos, interesses, seu ser e sua compreensão do mundo que está a descobrir” (Arce *et al.*, 2011, p.47).

Portanto, a Literatura é anterior à própria cultura da escrita, e da mesma maneira é posterior a ela, mesmo após seu registro. Desta feita, “a Literatura oral que quando se escreve, é como registro folclórico. Registro que não impede a continuação da sua vida sob aquela forma que lhe é própria, e na qual sofre as transformações que os homens e os tempos lhe vão imprimindo, sem corromperem” (Maireles, 2016, p.14).

A concepção estética da literatura, como arte da palavra, que “passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio” (Coutinho, 1978, p.9), e “apresenta-se como elemento cultural fundante no processo de emancipação do sujeito” (Ribeiro; Giroto, 2014, p.30), uma vez que além de “propiciar a fruição do texto e a necessidade pela leitura, amplia as possibilidades de experimentação, enriquecendo as vivências infantis. [...] as experiências infantis são fundamentais ao processo de formação da imaginação na infância” (Idem, *ibidem*). Portanto, “a literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar” (Coutinho, 1978, p.8). Mesmo que, de forma secundária, o faça, porém “[...] o literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético” (Idem, *ibidem*).

Percebemos que se coloca como desafio para a formação de um leitor literário um inevitável processo de escolarização, porém, aponta Soares (1999, p.42) que a possibilidade para uma adequada escolarização da literatura seria aquela que permitisse ao leitor a “vivência do literário, e não uma distorção ou uma caricatura dele”. O que permitiria, por conseguinte, a este leitor uma leitura estética, prazerosa, fruída e encantadora, corroborando com a ideia de que “as crianças merecem mais do que excertos ou exercícios mecanizados e padronizados acerca dos livros de Literatura Infantil, merecem vivenciá-la em sua inteireza, como leitores e sujeitos em plena formação humana” (Ribeiro; Giroto, 2014, p.31).

A literatura pode colaborar com a formação do leitor e produtor de texto, mas, com efeito, a grande contribuição da literatura é proporcionar ampliação de padrões de convívio e compreensão do real, despertar a imaginação criadora “[...] é o fato de ela proporcionar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos – no espaço de liberdade que só a leitura possibilita, e que instituição nenhuma consegue oferecer – que a torna importante para uma criança” (Cademartori, 2010, p. 9).

Deste modo, encontramos na literatura infantil suporte para que a criança possa compreender o real. “É como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do mundo” (Idem, p.8).

Neste sentido, Regina Machado (2015, p. 43) nos revela que “as imagens do conto acordam, revelam, alimentam e instigam o universo de imagens internas que, ao longo de sua história, dão formas e sentido às experiências de uma pessoa no mundo”.

Contar histórias favorece a relação de crianças com o mundo, promove o encontro de pessoas, permite a convivência e o estreitamento de laços, proporciona momentos prazerosos, desperta a curiosidade, criatividade, fantasia

e imaginação, além da ampliação do universo vocabular, de conceitos e da própria fala.

No âmbito da formação do educador, a pesquisa conseguiu aferir, por meio de entrevistas gravadas e acompanhamento de atividades realizadas, como o acesso às narrativas e ao encantamento proporcionado altera a relação dos próprios educadores com o ato de contar/narrar histórias, uma vez a ressignificação da relação com as narrativas se manifestou na forma como disponibilizavam-na às crianças.

Compreende-se, portanto, que por meio da educação haverá a possibilidade de a criança ter acesso à cultura produzida, elaborada e acumulada pela humanidade ao longo da história (Saviani, 2008), “O que possibilita a reprodução das qualidades humanas e socialmente criadas, as quais se encontram incrustadas nos objetos da cultura” (Ribeiro; Giroto, 2014, p.28). É neste mesmo sentido que as crianças ao se apropriarem da cultura presente na literatura e a reelaboram/reorganizam/recriam criando, igualmente, cultura. Ou seja, “a Literatura Infantil representa papel preponderante à apropriação de cultura e à sua reelaboração ao propiciar condições ao desenvolvimento e ampliação da imaginação” (Idem, pp. 28-29).

Considerações Finais

Entendemos que o trabalho com a literatura nos humaniza, bem como podemos “concluir que a história é alimento da imaginação” (Coelho, 2004, p. 12). Assim sendo “permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com esperança” (Idem, ibidem). No mesmo intuito, Meireles (2016, p.20) alerta que “a Literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É nutrição”.

Levando em consideração as contribuições que as narrativas desempenham para a aprendizagem, a formação humana e o desenvolvimento

psíquico e social das crianças, faz-se necessário um estudo organizado e sistematizado, como assevera Coelho (2004, p. 9) “Refiro-me a estudo no sentido sistemático, porque é preciso levar a sério algo que provoca relevante impressão e exerce grande influência sobre as crianças”.

O(A) educador(a) precisa, portanto, ter clareza do papel que desempenha sobre a formação das crianças e compreender que o trabalho com a literatura colabora com o alargamento de padrões estéticos; ampliação de universo vocabular, de conceitos e suas generalizações; além de promover prazer; provocar emoções e sensações; despertar o encantamento, a fantasia, a criatividade e a imaginação; e ainda possibilita releitura do mundo. Ou seja, a riqueza da imaginação do adulto estabelece um vínculo intrínseco com o desenvolvimento desde mais tenra idade e o trabalho com a literatura tem espaço de destaque nesse processo (Arena, 2010). Assim, o papel do(a) educador(a) como adulto que faz a interlocução entre a criança e as histórias é fundamental.

Levando em consideração as discussões ora levantadas, podemos defender a proposta de trabalho com a arte de contar história para a educação (compreendida no sentido amplo, de formação humana, e não no sentido restrito de conteúdos escolares) das crianças, tendo como perspectiva de colaborar com a aprendizagem e o desenvolvimento das mesmas. Cabe salientar que para Vigotski, o desenvolvimento e a aprendizagem são diferentes, porém articulados entre si, numa relação dialética.

Deste modo, o presente trabalho versou sobre a relevância de se trabalhar com a arte de contar histórias como prática pedagógica na educação infantil, pois a importância de a criança ouvir histórias, (mais que a preocupação em aprender a ler mais fácil e/ou escrever melhor) recai sobre as contribuições que estas podem exercer no desenvolvimento infantil, neste sentido, contribui com a possibilidade da criança pensar de forma mais complexa, ou melhor, na

construção e reelaboração dos elementos deste pensar; que se enriquece a cada nova vivência/experiência, alargando a sua compreensão do mundo.

Referências

ARCE, Alessandra, SILVA, Débora A. S. M e VAROTTO, Michele. **Ensinando Ciências na Educação Infantil**. Campinas, SP: Editora Alínea. 2011.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Ática, 2010.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**: colagens de Adriana Peliano. – 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravoltas, 2015.

MARTINS, Ligia Marcia. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, Fev. 2014. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9705/7093>>. Acesso em: 11 mai. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v5i2.9705>

RIBEIRO, Aline Escobar M., GIROTTO, Cyntia Graziela S. G. **Literatura Infantil e desenvolvimento da imaginação na infância**: a ótica da teoria histórico-cultural. In: Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ (6.: 2014 out. 15-17: Florianópolis, SC) Anais [do] 6º. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ/ organizadoras Eliane Santana Dias Debus, Dilma Beatriz Juliano, Nelita Bortolotto, Simone Cintra – Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014. P. 26-35. ISSN 2175-9308.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOARES, M. B. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, A., BRINA, H.; MACHADO, M. Z. (orgs.) A escolarização da Leitura Literária: o jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 17-48.

VALDEZ, Diane e COSTA, Patrícia Lapot. **Ouvir e Viver Histórias na Educação Infantil: um direito da criança.** In: Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar / Alessandra Arce, Lígia Márcia Martins, organizadoras. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013, p.165-186.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 103-119.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 7, N. 2, 2024

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: RBS

Redação do manuscrito original: RBS

Curadoria de dados: RBS

Análise de dados: RBS

Redação textual: RBS/MDSL

Supervisão: MDSL

Financiamento

Não houve financiamento.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
